

Resenha

HYPPOLITE, J. 2003. *Gênese e estrutura da Fenomenologia do espírito de Hegel*. São Paulo, Discurso Editorial, 645 p.

Em 2007, completam-se o bicentenário da publicação da *Fenomenologia do espírito* de Hegel e o centenário de nascimento do seu primeiro tradutor para o francês e o primeiro que a comentou integralmente, Jean Hyppolite. A publicação em nosso país da tradução da obra que podemos considerar a mais importante deste filósofo francês, *Gênese e estrutura da Fenomenologia do espírito de Hegel*, testemunha a dimensão da recepção da interpretação francesa do pensamento de Hegel, viabilizando a reconstrução da história e dos efeitos da filosofia do mais eminente representante do Idealismo alemão do século XIX. Certamente nem todos estão de acordo com a leitura que Hyppolite propõe da *Fenomenologia do Espírito* de Hegel.

Quem foi Jean Hyppolite?

O que levou esse eminente professor a se dedicar tão intensamente à filosofia de Hegel? Iniciou sua carreira universitária na Universidade de Strasbourg, onde escreveu *Gênese e estrutura da Fenomenologia do espírito de Hegel* (1946), após já ter publicado a tradução da *Fenomenologia do espírito* de Hegel (1939 e 1941). Em 1949, transferiu-se para a Sorbonne e em 1954 assume a função de diretor da École Normale Supérieure. Em 1963, foi eleito para o Collège de France, onde ministrou inesquecíveis conferências até sua morte prematura em 1968.

Hyppolite, que exerceu uma profunda influência em filósofos franceses mais representativos da segunda metade do século XX, como Jean-Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty, Louis Althusser e seu círculo, Michel Foucault e em representantes de outras disciplinas, como na psicanálise com Jacques Lacan, por sua vez seguiu os cursos sobre a *Fenomenologia do espírito*, de 1933 a 1939, ministrados em Paris pelo filósofo russo Alexandre Kojève (1902-1968). A importância desses cursos, mas não a interpretação de *Fenomenologia do espírito*, é reconhecida com unanimidade, pois determinaram a introdução do estudo do pensamento hegeliano na França, marcando as gerações seguintes. Dentre os que freqüentaram o ensino de Kojève, destacam-se Sartre, Hyppolite, Merleau-Ponty, E. Weil, Lacan e R. Queneau. Este último coletou e publicou esses cursos em 1947.

A primeira tradução para o francês da *Fenomenologia do espírito*, feita então por Hyppolite, permaneceu a única disponível durante meio século e serviu como base para todos aqueles que desconheciam a língua alemã e em especial o alemão peculiar de Hegel. Foi em 1946 que Hyppolite publicou sua interpretação que então denominou de *Gênese e estrutura da Fenomenologia do espírito de Hegel*. Esta obra, que em parte seguia as opções fundamentais da interpretação proposta por Kojève, veio reforçar a influência deste último sobre o pensamento filosófico francês. Kojève não tinha a pretensão de seguir à risca o pensamento hegeliano e assim traduzi-lo de modo fidedigno, mas queria apenas fazer um curso de antropologia fenomenológica,

servindo-se dos textos de Hegel para transmitir o que lhe parecia ser verdade e que pudesse surpreender a seus alunos, e deixando de lado o que não lhe interessava. Esse desvio dos critérios básicos de um comentário nos permite entender a direção antropológica e partidária proposta por Kojève, reforçando, por exemplo, a importância do papel da dialética do Mestre e do Escravo (a escolha em traduzir *Knecht* por *escravo*, e não pelo seu significado primeiro que é *servo*, já introduz uma leitura de natureza política e revolucionária da obra de Hegel), e o modo como esquematizou o conteúdo da fenomenologia. Este desvio consciente do pensamento de Hegel, que mais tarde, a partir dos trabalhos de Gauvin e posteriormente de Labarrière e outros, sofrerá uma severa crítica, desencadeou um entusiasmo determinante para a entrada do hegelianismo na França. Hyppolite foi tributário desta leitura de Kojève, em grande parte aceita por muito tempo nos meios acadêmicos franceses, que propugnava um Hegel defensor de um saber absoluto entendido como um fim da história que anularia qualquer incidência da contingência, e de um ateísmo oriundo de uma má interpretação da filosofia como *Aufhebung* (tomada apenas em seu aspecto de abolição) da religião. Entretanto, cabe salientar que o tradutor e intérprete da *Fenomenologia do espírito*, mesmo fazendo uma escolha a favor do jovem Hegel que abria caminho para uma posição existencialista, não deixou de lançar o convite para uma leitura do próprio texto de Hegel. Neste sentido, Hyppolite propugnou uma interpretação não redutora, de modo a deixar falar o próprio Hegel, o que fez com que fosse considerado o verdadeiro introdutor, depois de alguns precursores, do pensamento de Hegel na França.

O Hegel de Jean Hyppolite

Podemos caracterizar o trabalho do filósofo Hyppolite, elaborado no período que antecede e sucede à 2ª Guerra Mundial, como uma leitura dos grandes textos filosóficos com vista a restituir a dimensão filosófica à história da filosofia. Foucault (*Dits et Ecrit*, Gallimard, 1994, t. 1, p. 779-785), que o substituiu no Collège de France e lhe prestou uma homenagem em 1969, precisou a posição paradoxal de seu antecessor: “Historiador da filosofia, não é assim que ele mesmo se definia. De preferência e mais exatamente, ele falava de uma história do pensamento filosófico. Nesta diferença residia sem dúvida a singularidade e a extensão de seu empreendimento.” Compreenderemos sua singularidade se prestarmos atenção ao modo como tratou o pensamento de Hegel. Primeiro publicou a tradução da obra de 1807 de Hegel (tomo 1 em 1939 e tomo 2 em 1941) e depois seu comentário em dois volumes, em 1946. O que se depreende desta seqüência é que ele primeiro tomou o cuidado de colocar nas mãos do leitor francês o texto de Hegel e somente então entregar seu comentário. É nesta direção que se pode ler a advertência que ele colocou no primeiro tomo de sua tradução: “A *Fenomenologia* vale pelo seu conteúdo, e deve-se mergulhar nele. Ela é uma conquista do *concreto*, que nosso tempo, sem dúvida como todos os tempos, procura encontrar em filosofia.” Para Hyppolite, a *Fenomenologia do espírito* não era apenas uma grande obra de filosofia de uma história passada, mas respondia às urgências de uma atualidade filosófica peculiar ao próprio movimento contemporâneo do pensamento em ato. Mas ao invés de tomar o texto hegeliano em uma perspectiva dogmática à luz de um conteúdo especulativo já pronto e temerariamente atribuído a Hegel, como se pode imputar ao seu antecessor Kojève, Hyppolite se dedica ao cuidadoso trabalho de colocar o texto hegeliano no nível de uma reflexão filosófica efetiva, convidando seu destinatário a tomar parte na tarefa de interpretação. Este cuidado já transparece em sua tradução da obra de Hegel, rica em notas esclarecedoras e indispensáveis, que antecipam seu comentário integral da *Fenomenologia do espírito*.

Deste modo, ao enfatizar a importância da *Fenomenologia do espírito*, o trabalho de Hyppolite se alinha aos seminários de Kojève. Entretanto, ele abre uma nova e mais complexa perspectiva ao ampliar a importância da atualidade dos temas hegelianos (remetidos à história recente) pela introdução da discussão de uma abordagem interna à obra de Hegel, ou seja, examinar a problemática da sua gênese e de sua estrutura. Gênese e estrutura, ligados por um conectivo, indicam a questão central da obra de Hyppolite : qual a situação e lugar da *Fenomenologia do espírito* no conjunto da obra, tanto no eixo sincrônico quanto diacrônico? Que relações existem entre a experiência da consciência, no desdobramento das figuras do Espírito e seu lugar *lógico* dentro de nova figura do Absoluto introduzida por Hegel, como Sujeito? Hyppolite, em sua interpretação da obra de Hegel, explora as relações dialéticas entre Lógica e Existência, e assim lança uma elucidação sobre as relações entre o sujeito finito, imerso no âmbito fenomenológico, ou seja, a experiência da consciência em seu tortuoso caminho e o fim da finitude no acesso ao Saber Absoluto. O caminho percorrido por Hegel, em seu confronto e crítica à perspectiva finita de Kant e às perspectivas de Fichte e Schelling, leva à conceituação da destinação da consciência humana ao Absoluto. A estrutura do comentário de Hyppolite percorre a mesma estrutura da obra de Hegel, evidenciando como a Substância ou o Ser alcança a coincidir consigo mesmo na reconciliação do sujeito finito com sua História, de modo que a idéia de liberdade não pode ser o resultado de uma reflexão solipsista, mas reconciliação do sujeito com sua história. E esta reconciliação é examinada e explicitada ao longo de seu comentário, que torna a *Gênese e estrutura da Fenomenologia do espírito de Hegel*, além de uma notável obra de filologia e de uma cuidadosa história da filosofia, uma obra que responde às urgências de uma atualidade filosófica peculiar ao próprio movimento contemporâneo do pensamento em ato.

A *Fenomenologia do espírito* pode ser vista, em nossos dias, como um recurso para a elucidação das novas formas da existência no mundo contemporâneo. Apesar de já ter 200 anos, ela é, ao mesmo tempo, uma retomada de toda a tradição do pensamento ocidental e uma introdução à Modernidade, considerada em seu alvorecer na Revolução Francesa e no que se seguiu com a Revolução Industrial antecedida pela Revolução Científica e seus efeitos. Ninguém pode caminhar em direção ao futuro e se situar de modo pertinente e esclarecido se não se apropriar das heranças deixadas pelas tradições greco-romana e judaico-cristã e suas variantes. Estamos todos marcados, individual e coletivamente, e, ao mesmo tempo, somos o produto e o artífice de um mundo que se humaniza pelo trabalho do conceito, ou seja, pela linguagem. Há um movimento interno entre a experiência humana, a experiência da consciência em sua finitude e a ciência dessa experiência, em um movimento lógico que se move no desconhecimento da história e desdobra o movimento da apreensão desta história na infinitude do conceito. O trabalho do conceito como negação redobrada da positividade de experiência é a alma da dialética hegeliana. A relação complexa entre o sujeito e o seu mundo, entre o individual e o universal em todas as incidências concretas, encontra na *Fenomenologia do espírito* um referencial que permite a via de obtenção de um esclarecimento das relações verdadeiras que articulam o sujeito e o objeto, os homens e os povos, o local e o universal. A obra de Hegel, e nisso Hyppolite é exemplar, não nos dispensa da tarefa de inventar e conceitualizar novas formas de reconhecimento, convivência e cooperação. O que Hegel nos legou é o caminho para que possamos encontrar a maneira justa e bem-fundada de nos manter na relação, e no movimento desta encontrar o dizer que situe o absoluto na história.

Finito e Infinito, Fenomenologia e Lógica, ôntico e ontológico, história e estrutura, contingente e necessário: Hyppolite e seu comentário a Hegel perdura, apesar das mudanças nas temáticas filosóficas, como uma referência em meio à proliferação de interpretações dos textos hegelianos e em meio à complexidade de nossa situação contemporânea.

A tradução que temos disponível em português é o resultado de um trabalho coletivo e cuidadoso, realizado por um grupo de estudantes que encontraram no comentário de Hyppolite um apoio indispensável para a leitura do próprio texto de Hegel. Para todo leitor da *Fenomenologia do espírito* de Hegel, recomendamos este comentário como referência.

Mario Fleig
Professor do PPG Filosofia UNISINOS
E-mail: mfleig@terra.com.br